

Bancos ainda buscam recuperação

Foi há apenas três meses mas até hoje não está totalmente absorvida a decisão pioneira do Citibank, através de seu presidente, John Reed, de destinar US\$ 3 bilhões de seu lucro como reserva de provisão contra os créditos duvidosos, um eufemismo usado para se referir em empréstimos feitos pelo banco aos países subdesenvolvidos.

De imediato, a atitude de Reed fez lembrar a velha teoria do dominó: o Chase Manhattan correu para separar US\$ 1,6 bilhão para um fundo de reserva semelhante; o Security Pacific dispôs de US\$ 500 milhões e o Bank of Boston, de outros US\$ 300 milhões. Alguns como o Bank of America bem que tentaram resistir, alegando que recém-saía de tempos difíceis, mas acabaram cedendo. O Bank of America acabou reservando US\$ 1,1 bilhão e o Manufacturers Hanover Trust Co., US\$ 1,7 bilhão.

A atitude do Citibank deu início a uma reação em cadeia, mas o fato de terem tomado precauções não significa que os bancos estejam vivendo um presente cor-de-rosa. Como analisa a revista *Institutional Investor* em sua edição de julho, não há muita coisa para se celebrar e os presidentes dos bancos estão tendo de dar algumas notícias não muito agradáveis para seus acionistas.

O próprio Citi teve perdas de US\$ 1 bilhão este ano e o valor contábil de suas ações caiu de US\$ 60 para US\$ 45. Os acionistas foram informados por Reed de que o Citi terá de vender o equivalente a US\$ 500 milhões em propriedades, parte da carteira de cartão de crédito e outros itens rendáveis do patrimônio para amortecer o impacto da medida pioneira.

O Chase admite perdas da ordem de

US\$ 850 milhões e o presidente do Bank of America, Alden Clausen teve de abandonar de vez o sonho de recuperação após dois anos de contensões. Ela terá de ser perseguida por pelo menos outros dois anos.

Já o Manufacturers Hanover, ao destinar US\$ 1,7 bilhão como reserva contra os empréstimos duvidosos feitos aos países subdesenvolvidos, deve ficar mais de US\$ 1 bilhão no vermelho, apesar de ter anunciado previsão de lucros em 1988 de mais de US\$ 600 milhões.

Perda parcial — A analista financeira Felice Gelman ouvida pela *Institutional Investor* prevê que os 15 maiores bancos terão, para acompanhar o "padrão — Citi", que reduzir os lucros, diminuir patrimônio e valor contábil das ações de forma a fazer reservas sobre 100% dos empréstimos duvidosos feitos a países fora da área dos subdesenvolvidos e sobre 25% aos países subdesenvolvidos.

Para atingir tal objetivo, os 17 bancos (Citi e Chase incluídos) terão de fazer em conjunto reservas de provisão de US\$ 14 bilhões o que representará um buraco de US\$ 10 bilhões, fazendo cair as previsões de US\$ 6,77 bilhões de lucro para perdas de US\$ 3,284 bilhões.

O impacto sobre cada banco, na opinião de Gelman, analista da Fox-Pitt Kelton, será dramático. O mais atingido é o Bank of America que teve de fazer reservas de US\$ 1,98 bilhão, o que de certa forma explica a relutância de Clausen em anunciá-las.

Entretanto, nove dos 17 bancos analisados podem atingir o "padrão Citi" sem grandes problemas e não cair no vermelho. O melhor aparelhado é o J. P. Morgan & Co que precisa de um fundo de apenas US\$ 560 milhões, obtido cortando o lucro projetado de US\$ 983

milhões para US\$ 647 milhões e reduzindo ligeiramente o valor contábil de suas ações. Mesmo assim, a relação patrimônio sobre ativo do Morgan ficará em 6,8%, mais do dobro dos 3% a que ficou reduzido o Citi.

Em outro estudo, também citado pela revista, o analista Ronald Mandle calculou quantos anos serão necessários para que os bancos atinjam o valor dos empréstimos no mercado secundário hoje (com descontos). A maioria necessitará de um ou dois anos, mas o Bank of America, segundo o estudo, deverá levar dez anos e o Manufacturers Hanover, quatro. São justamente o Bank of America e o Manufacturers Hanover que têm menos patrimônio vendável (respectivamente US\$ 1,4 bilhão e US\$ 1,2 bilhão) e isto deve ter influído na sua hesitação em criar reservas de provisão.

Situação delicada — Entre todos os bancos que fizeram provisões, a situação do Bank of America é a mais delicada. Clausen enxugou ao máximo o chamado "patrimônio camuflado" — fundo de pensões, carteira de cartão de crédito, corretora — e, nas palavras de um analista, "já vendeu todas as propriedades que o mercado poderia absorver".

Desde o terceiro trimestre de 1985, o Bank of America obteve US\$ 1,15 bilhão de lucros pré-taxados dispondo desse patrimônio, mas esse lucro foi eliminado pelas perdas dos últimos dois anos. A perspectiva de outros dois anos de perdas poderá levar seu presidente, Clausen, a dispor da unidade Seafirst com um lucro pré-taxado de US\$ 500 milhões. Clausen, no entanto, nega que vá dispor de patrimônio, o que rebaixaria o banco ao status de um banco pouco mais que um banco supra-regional.